

**O PATRIMÔNIO DE BRAÇOS CRUZADOS: A MEMÓRIA COLETIVA
DE UM ESPANTALHO QUE AO SE TORNAR ATRAÇÃO DE BEIRA
DE ESTRADA VIROU O NAPOLEÃO DA PRAÇA TAMANDARÉ**

**THE HERITAGE OF CROSSED ARMS: THE COLLECTIVE MEMORY OF A
SCARECROW THAT BECAME THE NAPOLEON OF PRAÇATAMANDARÉ**

**EL PATRIMONIO DE BRAZOS CRUZADOS: LA MEMORIA COLECTIVA
DE UN ESPANTÁJARO QUE SE CONVIERTE EN EL NAPOLEÓN DE LA
PLAZA TAMANDARÉ**

Marlon Borges Pestana*
Celso Pires Braga*

Resumo: Este artigo é uma breve contribuição sobre a história da estátua de Napoleão Bonaparte que está na Praça Tamandaré. A obra escultórica é de autoria do italiano Matteo Tonietti e representa uma das mais complexas obras de arte deste artista, não apenas pela sua complexidade, mas pela trajetória histórica e atual posição no cenário rio-grandino. A pesquisa se estendeu para a compreensão do universo simbólico da escultura, do seu escultor e do burguês que encomendou a peça. Ao usar a memória coletiva como base teórica foi possível entender como a trajetória de uma família abastada se desfaz da posse de uma obra única, fruto do período político da época em que viviam as famílias e os patriarcas que as encomendavam. Os resultados da análise dos relatos se referem aos três momentos da estátua e sua trajetória privada e pública.

Palavras-chave: Escultura. Estátua. Napoleão. Patrimônio Cultural Material. Praça Tamandaré.

Abstract: This article is a brief contribution on the history of the statue of Napoleon Bonaparte that is in Tamandaré Square. The sculptural work is written by the Italian Matteo Tonietti and represents one of the artist's most complex works of art, not only because of its complexity, but also because of the historical trajectory and the current position in the Rio Grande. The research extended to the understanding of the symbolic universe of sculpture, its sculptor and the bourgeois who commissioned the piece. By using the collective memory as a theoretical basis it was possible to understand how the trajectory of a wealthy family discards the possession of a unique work, the fruit of the political period of the time in which families lived and the patriarchs who commissioned them. The results of the analysis of the reports refer to the three moments of the statue and its private and public trajectory.

Keywords: Sculpture. Statue. Napoleon. Material Cultural Heritage. Tamandaré Square.

Resumen: Este artículo es una breve contribución sobre la historia de la estatua de Napoleón Bonaparte que se encuentra en la Praça Tamandaré. La obra escultórica es del italiano MatteoTonietti y representa una de las obras de arte más complejas de este artista, no solo por su complejidad, sino por su trayectoria histórica y posición actual en la escena Rio-Grandino. La investigación se extendió a la comprensión del universo simbólico de la escultura, su escultor y el burgués que encargó la pieza. Utilizando la memoria colectiva como base teórica, fue posible comprender cómo la trayectoria de una familia acomodada dispone de la posesión de una obra única, resultado del período político de la época en que vivieron las familias y los patriarcas que la comisionaron. Los resultados del análisis de los informes se refieren a los tres momentos de la estatua y su trayectoria privada y pública.

Palabras-clave: Escultura. Estatua. Napoleón. Patrimonio Cultural Material. Plaza Tamandaré.

Introdução

Este artigo é o resultado de cinco anos de levantamento documental histórico e oral realizado por Celso Pires Braga e publicado no Jornal Agora (BRAGA, 2014, p. 05). O trabalho apresenta de forma sistemática a trajetória histórica da Estátua de Napoleão Bonaparte que está na Praça Tamandaré no centro do município de Rio Grande. O artefato está listado como patrimônio artístico do município e seu autor, MatteuTonietti deixou outras esculturas, hoje alocadas no cemitério e na Praça Xavier Ferreira do mesmo município.

O trabalho da escrita deste artigo esteve concentrado nos processos de ressignificação cultural que a obra sofreu ao longo dos anos, tendo como resultado um caleidoscópio de memórias coletivas que está presente no imaginário popular. Para isso, o artigo traz uma série de relatos de populares, que surgiram depois das publicações sobre o tema no Jornal Agora, entre 2011 e 2014. Para contextualizar as diferentes perspectivas de memória do referido patrimônio estatutário, remeteu-se a um imaginário escultórico que nem sempre cumpriu o objetivo a que foi destinado. Inicialmente encomendado como um regalo passou por situações adversas até retornar à função ornamentaria inicial que antes era privada que se tornou pública ao longo das décadas.

E, por fim, é abordada a perspectiva singular das ressignificações da arte na cidade do Rio Grande na perspectiva da memória popular. Através das manifestações dos leitores e leitoras das reportagens sobre a estátua, ficou evidente que ao longo de aproximadamente 120 anos de existência, a estátua de Napoleão foi compreendida adversamentepor diferentes públicos nos seus diferentes espaços em que esteve exposta.

A estátua e a memória coletiva: Os relatos

Para os que passam pela Praça Tamandaré, alguns devem se perguntar, qual o motivo da imponente estátua de Napoleão Bonaparte estar ali. E qual o seu significado para a História de Rio Grande. Para a cidade de Rio Grande, é apenas mais uma escultura de Matteo Tonietti, mas para alguns moradores, principalmente anciões, remete a uma memória de tenra infância. Até meus doze anos, morei em Rio Grande, início dos anos 1970, nesse período, meu avô, pai e tio, tinham casas no Senandes, próximo ao Clube Centro Português, na entrada do Bar Bodega, a estátua ficava na casa ao lado do bar, e sempre que a família se reunia nos finais de semana, íamos para lá, e depois à praia do Cassino. Eu e meus cinco irmãos e primos, brincávamos em volta da estátua de Napoleão. Achávamos um mistério muito grande: O que fazia aquela estátua ali? Quem mandou esculpir? E a casa sempre fechada, isso nunca saiu da minha memória.

As teorias da estatutária histórica se sobrepõem e agregam as da História da Arte (ARGAN, 2003; BELLOMO, 2008; ZANINI, 1991) e perpassa pela perspectiva de uma história que tenha como base narrativa a percepção da memória coletiva (HALBWACHS, 1990), mas que tenha como visão geral o patrimônio como alegoria e construção social (CHOAY, 2001). Essa perspectiva tem como base uma nova história baseada na memória dos sujeitos e no lugar de memória como referencial teórico metodológico (LE GOFF, 1996).

Pesquisar a estatutária em Rio Grande, a partir de um único exemplo, é possível a partir de sua contextualização histórica nacional (ZANINI, 1991; GAVAZZONI, 1998). Tem como intuito averiguar o processo histórico por trás da escultura como registro de memória coletiva. E para isso, tentar ao menos acessar o efeito do simbólico (CASSIER, 1989) sobre uma população, nesse caso a sociedade de Rio Grande em meados das décadas de 30 e 60, quando houve deslocamentos da estátua pelo município de Rio Grande, até vir parar na ilha da Praça Tamandaré, apelando para o simbolismo do novamente *exilado numa ilha*. Além disso, apresentar os efeitos dessa iconografia como História (CARDOSO, 1990), para a produção de resultados históricos com fontes alternativas ao documento histórico, neste caso o escultórico e artístico (CALABRESE, 1987; BOITO, 2003).

De espantinho a atração de beira de estrada: O relato artístico romanceado e o testemunho do “Napoleão Imperador do Senandes”

O Senandes sempre foi misteriosa minha infância, quase nenhuma casa, poucas pessoas e aquela estátua lá, quase a beira da estrada a observar o vai e vem das pessoas. Quando voltei para Rio Grande, início dos anos 1980, observei que tinham levado o Napoleão para a

Praça Tamandaré. Fiquei muito triste com isso, pois o lugar do Napoleão, para quem viveu a infância naquela época, é na naquela curva da estrada do Cassino, lá no Senandes (BRAGA, 2014, p. 5).

De acordo com o relato da senhora Eni Duarte, autora da foto, o “espantalho”, comentou a Sra. Eni após a reportagem, foi adquirido pelo sogro que o comprou num leilão para usar na sua horta ao lado da antiga casa colonial. Como a escultura é da década de 1910, esse fato teria ocorrido entre 1935 e 1945. Nos anos 1950 o colocaram na beira da faixa ao lado do bar Bodega, e por lá ficou por cerca de vinte anos. Muitas pessoas que cruzavam o Senandes, em direção ao Balneário Cassino, avistavam ao passar a estátua imponente de Napoleão à beira da estrada.

Um dos fatores importantes da memória coletiva é que a seleção de relatos, mesmo sendo assistemática, reflete certa afeição daqueles que *testemunharam* a obra de arte em diferentes espaços. Trata-se de processos perceptivos da exposição da arte tal como é independente do cenário em que está alocada. Essa disposição é política e social, selecionada culturalmente e disposta através da escolha da própria comunidade.

O sentido da exposição da estátua de Napoleão foi “tornado” importante pelo sujeito coletivo rio-grandino, com forte entonação comunitária. Para tanto, suas constantes realocações se devem a escolhas políticas dos cidadãos e cidadãs que atribuíam importância artística e de exposição à escultura.

Figura 1. Estátua de Napoleão na casa no Senandes, seu local de origem na segunda metade do Séc. XX.

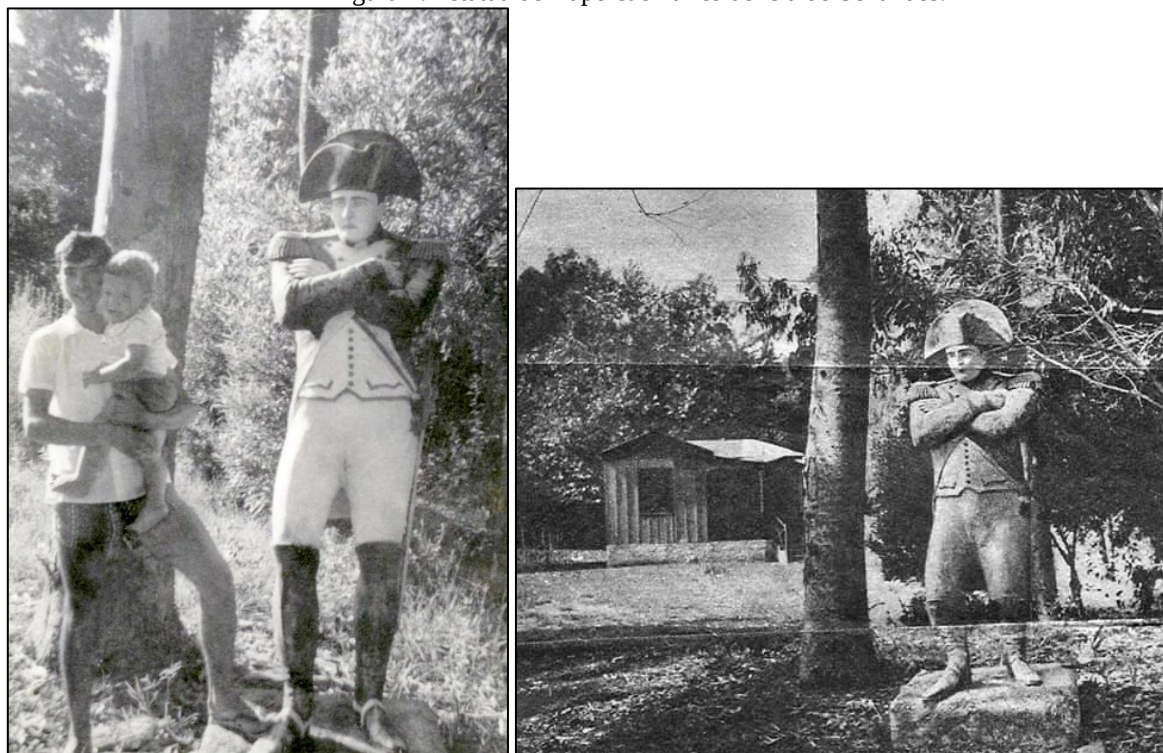


Fonte: Eni Duarte

Então comecei a pesquisar sobre a história da estátua, nessa procura, encontrei vários comentários em jornais, revistas e depoimentos pessoais, mas que nunca contavam a história completa. Em 2009, encontrei um texto que parece que foi escrito pra mim, intitulado: “Napoleão o Imperador do Senandes” de Luiz Carlos Rivera, que gostei muito, e que só fez aumentar a vontade de divulgar a história. Também fiz contato com moradores do Senandes, que me ajudaram com várias informações importantes.

Em 2011, o *website* Papareia e também o Prof. Dr. Luiz Henrique Torres reproduziram uma reportagem da Revista “O Cruzeiro” de 11 de Junho de 1960, intitulada “Napoleão cruza os braços” que conta com ricos detalhes a história: “Interessante, para Rio Grande, é possuir em espaço público uma estátua de 1,67m de altura dedicada a Napoleão. Desde a década de 1970, a imagem de Napoleão está exilada numa ilha da Praça Tamandaré, de onde observa os patos nadando no lago de aparência nada cristalina” (TORRES, 2011, p. 03; BRAGA, 2014, p. 05). Muitas lendas estão ligadas a esta obra de arte. Uma delas é que fora encontrada na beira da praia do Cassino, nas primeiras décadas do Séc. XX. “Outra, talvez verdadeira, é que seja uma das únicas estátuas de Napoleão em espaço público em todo o planeta.” (TORRES, 2011).

Figura 2. Estátua de Napoleão na residência do Senandes.

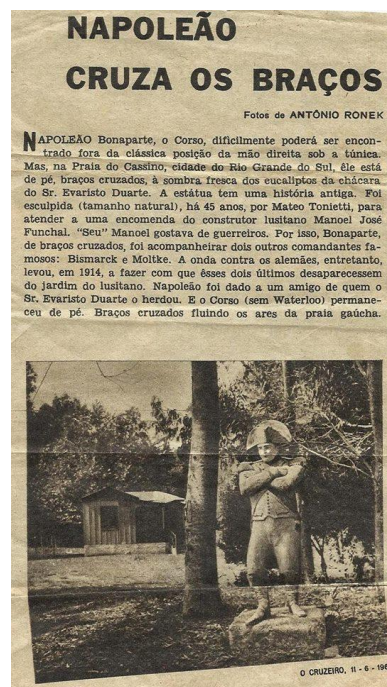
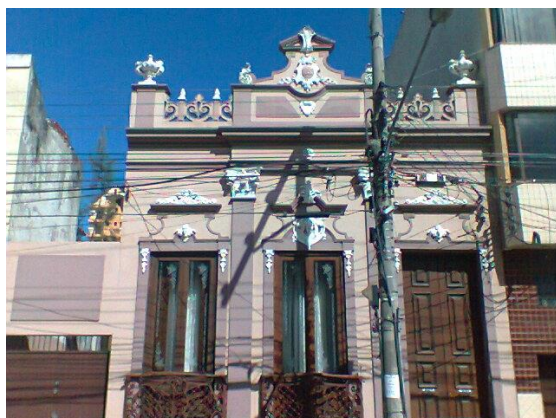


Fonte: Gilmar Gautério Abril de 1967. Jornal *O Cruzeiro* 11 de junho de 1960.

“Napoleão Bonaparte, o Corso, dificilmente poderá ser encontrado fora da clássica posição da mão direita sob a túnica. Mas, na Praia do Cassino, cidade do Rio Grande, ele está de pé, braços cruzados, à sombra fresca dos eucaliptos da chácara do Sr. Evaristo Duarte. A estátua tem uma história antiga, foi esculpida em tamanho natural há 45 anos, por Matteo Tonietti, para atender a uma encomenda do construtor lusitano Manoel José Funchal. Manuel J. Funchal gostava de guerreiros, por isso, Bonaparte, de braços cruzados foi encomendado a fim de “acompanhear” os outros dois comandantes famosos: Bismark e Moltke. A onda contra os alemães, entretanto, levou, em 1914, a fazer com que esses dois últimos desaparecessem do jardim do lusitano.” (ALVEZ; FUÃO, 2005; BRAGA, 2014, p. 05).

A residência de Manoel José Funchal, onde a estátua de Napoleão esteve, é na rua Gal. Vitorino, quase esquina 24 de Maio (Figura 3). Essa informação e outras que a Revista “O Cruzeiro” publicou, foram confirmadas com uma visita que fiz nomês de Abril de 2014, ao neto e bisneta do Sr. Manoel José Funchal, respectivamente, Sr. Ivo Braga e Rosangela Braga Knak, que me receberam muito bem em sua residência. Napoleão foi dado a um amigo de quem o Sr. Evaristo Duarte o herdou. E o Corso(sem *Waterloo*) permaneceu de pé. Braços cruzados fluindo os ares dos mistérios do Senandes.

Figura 3. Patrimônio edificado da família Funchal, primeira “morada” da estátua de Napoleão; Reportagem da Revista *O Cruzeiro* sobre a estátua.



Fonte: Acervo pessoal. Revista *O Cruzeiro* 1960 (TORRES, 2011).

A matéria confirma as informações de que a obra é do escultor MatteoTonietti que deixou uma importante contribuição artística para Rio Grande desde a sua chegada a cidade no final do Séc. XIX. Considero que valorizar uma obra de Tonietti é essencial para preservar as raízes artísticas da produção local. A datação da obra recua a aproximadamente 1915, ou seja, uma peça centenária. Foi produzida para Manoel José Funchal, que apreciava obras de arte, pois esteve envolvido nas contribuições para construção do monumento-túmulo ao generalfarroupilha Bento Gonçalves da Silvainaugurado em 1909. (ALVEZ;FUÃO, 2005).

O fato é que a estátua de Napoleão teve um primeiro*exílio* com sua colocação na localidade do Senandes (BRAGA, 2014), fazendo parte do imaginário e da oralidade das pessoas que ainda recordam das fotografias tiradas ao lado dele no caminho para a praia do Cassino. É uma das marcas do imaginário a figura do Napoleão “observando a passagem do trem ou dos carros rumo à primeira praia de banhos plana do Brasil”. Em Abril de 2013 a Sra. Irma Oliveira Caruso, questionou no Jornal Agora, a presença da estátua de Napoleão na Praça Tamandaré. Algumas pessoas opinaram, mas nenhuma soube dizer o que realmente aconteceu. Em Janeiro de 2014, foi entregue uma carta do Sr. Evaristo Duarte Neto, que esclarece toda a situação que envolve a ida e volta da estátua para o Senandes e a chegada da mesma na Praça Tamandaré.

Faço uso desse espaço livre aos leitores, com objetivo de informar o motivo pelo qual a estátua de Napoleão Bonaparte está na Praça Tamandaré. Meu avô paterno, Evaristo Pinheiro Duarte, um conhecido construtor desta cidade, atuante nas décadas de 1910 e 1940 do século passado, arrematou em um leilão a estátua, obra do escultor MatteoTonietti.

O relato do Sr. Evaristo segue com riqueza de detalhes:

meu avô colocou a estátua em um sítio, às margens da ERS-734. Após o falecimento de meu avô, meu pai, João Pinheiro Duarte, herdou o sítio com o monumento. Quando meu pai decidiu vender o sítio, o então vereador Josino Almir Dutra pediu que meu pai doasse o Napoleão para a Prefeitura Municipal como forma de ornamentar o lago da praça.

Os relatos destoando refletem na verdade, uma mesma situação, que está presente em ambas as narrativas, apenas com nuances individuais. Em resposta a esposa do Sr. Evaristo revela o seguinte: Saiba madame Irma de Oliveira Caruso, da França, que tanta coisa nesta cidade não tem conotação, entretanto, de acordo com Evaristo Pinheiro Duarte Neto

Esta publicação póstuma é uma resposta a rio-grandina radicada, na França, Irma de Oliveira Caruso que questionou a origem da estátua em carta publicada em 24/04/2013. O autor da resposta faleceu em 18/10/2013 e sua carta foi entregue em 29/01/2014 ao jornal Agora por sua esposa. Em resumo, o motivo da estátua de Napoleão Bonaparte está na Praça Tamandaré, é único e exclusivamente para homenagear o escultor da obra, MatteoTonietti.

A história chega ao seu final, agradecendo aos moradores do Senandes que cooperaram com informações e fotos, agradeço também aos familiares de Manoel José Funchal que também com fotos e depoimentos, ajudaram para que essa pequena história fosse contada. Espero que as respostas que foram dadas sejam suficientes para informar aqueles que não viveram todos esses momentos e como diz o Sr. Rivera, também para todos que como eu, um dia foram crianças na antiga cidade do Rio Grande que possui considerável patrimônio monumental (ALVEZ; FUÃO, 2005). Tivemos que crescer, mas com alma de menino, ainda hoje procuro esperançosamente o Napoleão naquela curva da estrada.

Metodologia e histórico da pesquisa

A demanda da pesquisa surgiu de novas fontes históricas recuperadas da tradição oral das famílias que conviveram com a presença da estátua de Napoleão. Em primeiro lugar, por se tratarem de relatos históricos orais, utilizamos princípios conhecidos nacionalmente (MATOS; SENNA, 2011). E para a percepção artística e escultórica utilizamos autores com a sensibilidade temporal com relação à memória escultórica (BELLOMO, 1988; CALABRESE, 1987; DOBERSTEIN 2002). No caso da estátua do Napoleão a linguagem artística passou por processos de ressignificação e alterações dramáticas na sua semântica como a exílio na ilha da praça, por exemplo. Em primeiro lugar por cumprir um papel social: o de ser encomendado por uma família burguesa; em segundo lugar seu papel funcional enquanto espantalho, posteriormente como atração de beira de estrada e, por fim, voltando à sua função artística na Praça Tamandaré, trajetória publicada em reportagem do Jornal Agora (BRAGA, 2014).

O relato e a manifestação popular remetem a uma memória coletiva com algumas nuances simbólicas interessantes, que nos tiram do senso comum que é o caso dos braços cruzados ao invés da mão enfiada na casaca. São essas variáveis e exceções que importam na análise da memória da arte e do artefato, por que o relato popular destoa da norma oficial, recuperando um laço de afetividade perdido no tempo, veja o exemplo do relato:

Esclareceste muitas coisas que eu nem suspeitava sobre o nosso Napoleão. Este personagem foi marcante na minha infância e na de tantos outros papareias como tu. Que bom que te preocupastes em resgatar este pedacinho da nossa meninice. Com certeza, muitos "guris e gurias" da nossa Rio Grande, se sentiram tocados pelo que revelastes. Agradeço ainda a divulgação do texto sobre o Imperador. Estes personagens importantes da nossa história não podem ser esquecidos e desaparecer. Luiz Carlos Rivera (comunicação pessoal por e-mail).

De acordo com Zanini (1991, p 43) foi algo muito comum no Brasil entre as décadas 1930 e 1940, nas regiões de Minas Gerais e nas Missões gaúchas, quando estátuas se perderam

nos pátios das casas, servindo para as mais diferentes funções. Nas menções ao Jornal Agora, a história da Estátua do Napoleão que era alvo de inúmeras interpretações populares, passou a ser questionada por aqueles que a haviam visto e testemunhado ora como espantalho, ora como atração de beira de estrada. Em se tratando de patrimônio cultural material, é essa memória coletiva (HALBWACHS, 1990) que realmente importa na trajetória histórica do objeto em si. E, conforme já consolidado por Le Goff (1996, p. 14), história e memória são indissociáveis tanto do ponto vista social como cultural. Esse aspecto cultural aborda a imaginação popular sobre a trajetória de um artefato como uma estrutura histórica real, uma vez que é ratificada pelo testemunho do sujeito coletivo.

Esse, na verdade, é o mesmo processo que permite entender a narrativa como um romance, ou relato romanceado, justamente por ser alegoria (CHOAY, 2001) e se apresentar como literatura de testemunho através de um patrimônio popular que é realmente alegórico, além de obviamente, artístico e cultural. Romance e arte, na memória popular, são fundamentos da significação do patrimônio cultural estatutário e escultórico (GAVAZZONI, 1998), e seu posicionamento geográfico na cidade tem uma função política como claramente destacam pesquisas anteriores (ALVES; FUÃO, 2005).

Atração na curva da estrada: O Imperador do Senandes

De acordo com Luiz Carlos Rivera, o relato publicado no Jornal Agora de 30 de maio de 2014, diz o seguinte:

O que faz por aqui o Imperador exilado de Santa Helena? Será que foi assim? Para mim, Napoleão está na Praça Tamandaré, na cidade do Rio Grande do Sul, contemplando tranquilamente a urbe, congelado em sua majestosa e clássica pose. Calma aí: não se trata de nenhum delírio. Falo apenas de uma estátua que lá existe e que é uma homenagem ao conquistador corso. Nunca foi possível descobrir o motivo do tal monumento lá estar, nem quem foram (sic) o artista que o moldou e o interesse que tenho por ele se deve a outras lembranças, lembranças da minha infância.

Após a reportagem no Jornal Agora (BRAGA, 2014, p. 4), surgiram alguns relatos sobre a trajetória da estátua do Napoleão. Dois relatos importantes servem como fonte de pesquisa: o de Luiz Carlos Rivera, citado acima e o de Antônio Roberto Malfatti, que ilustra bem as perspectivas da memória popular sobre o patrimônio estatutário que representa a obra de Matteu Tonietti:

Quando conheci a estátua de Napoleão, na Praça Tamandaré, reconheci-o imediatamente, mas pensei no que motivaria ele estar ali? Comentando, à época, com alguém de minha convivência, esse alguém me disse que a estátua estava ali há pouco tempo, pois a referida esteve durante muitos anos numa casa mais ou menos imponente, talvez de família francesa, no Bolacha, e

quando passava pela ERS-734 via-a meio que tapada pelo mato e imaginava: o que faz essa estátua, de braços cruzados no meio do mato? Após esse comentário, pensei: *puseram Napoleão a cuidar dos patos no laguinho da praça!* Porém, sempre achei que a estátua está num lugar adequado, bem protegida de vândalos e de difícil acesso. Para mim, a estátua é bem expressiva e não parece anão de jardim, pois não tem proporções de anão (MALFATTI, 2013).

A memória coletiva considera o relato em sua sinuosa trajetória. Reconhece que ao longo de décadas, a “mensagem original” da história contada recebe alguns detalhes antes inexistentes (CHOAY, 2001, HALBWACHS, 1990), como é o caso, por exemplo, do relato do traslado da estátua para a Praça Tamandaré, que possui mais de duas versões nos relatos observados, alvo inclusive de debate entre os guardiões da memória da estátua que questionavam a necessidade de colocar Napoleão “a cuidar dos patos no laguinho da praça”.

Figura 4. Diferentes ângulos da estátua do Napoleão na Praça Tamandaré.



Fonte: Aldivo Mendes.

E quando eu era criança, o Napoleão era de fundamental importância para mim. Explico: entre Rio Grande e a Praia do Cassino, ficava a estátua do Bonaparte, quase no meio do caminho entre os dois lugares. Era uma espécie de marco que assinalava o estar chegando à praia ou o seu abandono depois de um domingo de verão. Lá estava ele: impassível como uma sentinela, sempre com aquela mão escondida e assistindo ao vai-e-vem dos veranistas.

Na minha fantasia de menino, a estranha estátua emprestava ares de mistério ao lugar. O que fazia o tal personagem histórico ali? Nunca cheguei perto o suficiente para tocá-lo:

apenas o olhava de longe, sempre respeitosamente e de relance, acompanhando-o com os olhos até que se perdesse na próxima curva da estradinha do Cassino. A honra de ser o primeiro a ver o Napoleão era muito disputada pela gurizada e o vencedor sentia-se um privilegiado. Até hoje não sei por que o Imperador foi retirado de lá e levado para o centro da antiga cidade. Foi como se também uma parte daquilo que vivi na infância também tivesse sido removida e o encanto, quebrado. Não tem muita graça para as crianças da minha geração que o Napoleão esteja entre patos e marrecos, no centro da cidade, entre carros, ônibus e gente apressada.

Conclusão

O seu lugar de memória é e sempre será no bucolismo quase rural e ainda misterioso do Senandes, tendo a importante missão de fazer com que as crianças de todas as idades continuem a brincar de descobri-lo. Um amigo que já se foi me disse, entre suas costumeiras brumas alcoólicas, que pensava liderar um movimento revolucionário pela volta do Napoleão ao seu lugar de origem, pois achava uma “sacanagem” o que tinham feito. Não viveu para ver. Penso que ele tinha razão: O lugar do conquistador é naquela curva do Senandes, meio que escondido entre as voltas do caminho na estradinha do Cassino e não em Santa Helena, Paris ou na Praça Tamandaré.

Outra conclusão é sobre a mudança de lugar da estátua. Quando ficava perto da casa, servindo de espantalho e depois afastada para perto da RS734, provavelmente tenha sido resultado do pedido das pessoas para tirar fotos junto da estátua, então o dono da casa, achou melhor colocar ela mais próximo da estrada para facilitar o acesso das pessoas.

Acredito que aqueles que, assim como eu, viveram essa emoção, que só pode ser sentida com alma de criança, também concordam. Tenho certeza que o Bonaparte, apesar da sua tempera de conquistador, iria gostar. Como um guri crescido que sou, tenho o direito de sonhar. Tenho também a convicção de que o sonho não é só meu e pertence a todos aqueles que como eu, um dia foram crianças na cidade do Rio Grande. Tivemos que crescer, mas ainda hoje procuro esperançosamente o Napoleão naquela curva da estrada. Quem sabe hoje eu seja o primeiro a ver. Esse é o sentimento de memória, de profunda pertença do patrimônio escultórico, não apenas de um relator, mas de outras várias pessoas que se manifestaram em favor da preservação da memória da estátua de Napoleão Bonaparte. A memória coletiva, neste caso, apresentou o bucolismo da arte, o floreio do romance e a emoção de uma lembrança agradável.

Referências

- AMARAL, Aracy A. *Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira, 1930- 1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1984.
- ALVES, Francisco das Neves; FUÃO, Juarez José Rodrigues. Estatutária na cidade do Rio Grande nos primórdios da república velha (1889-1990). *Coleção Pensar a História*, n.31. Rio Grande: FURG, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte Italiana: De Michelangelo ao futurismo*. v.3. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
- BRAGA, Celso Pires. Um apaixonado pela história e pelos mistérios do Senandes. *Jornal Agora*, Rio Grande, 30 mai. 2014, Caderno Homem, p. 5.
- BELLOMO, Harry R. *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950)*. 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- BOITO Camillo. *Os Restauradores*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALABRESE, Omar. *A linguagem da Arte*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Iconografia e História. *Resgate: Revista interdisciplinar de cultura*. Campinas: Unicamp, v.1, p.9-17, 1990.
- CASSIER, Ernst. *Essência e efeito do conceito de simbólico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DOBERSTEIN, Arnaldo Warter. *Estatuária, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- GAVAZZONI, Aluísio. *Breve história da arte e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universidade Estácio de Sá, 1998.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HORTA, Maria de Lourdes P., GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial. 1999.
- MALFATTI, Antonio Roberto. *Carta do leitor*. *Jornal Agora*, Rio Grande 25 abr 2013.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. *História oral como fonte: problemas e métodos. Historiae: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande*, v. 2, p. 95-108, 2011.

TORRES, Luiz Henrique. O Politeama Riograndense “Napoleão cruza os braços” *Jornal Agora*. Rio Grande, 3 dez 2011, Caderno O Peixeiro, p. 03.

VEIGA, R. Fradera. *Atlas dos Estilos Artísticos*. São Paulo: LIAL, s/d.

ZANINI, Walter. *A arte no Brasil nas décadas de 1930-1940*. O grupo Santa Helena. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1991.

Recebido: 08/03/2021

Aceito: 18/07/2021

Publicado: 25/08/2021

* Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) atuante nos Campus de São Lourenço do Sul e Carreiros. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da FURG. Docente efetivo dos cursos de História Bacharelado e Licenciatura; Bacharelado em Agroecologia e Licenciatura em Educação do Campo. Professor das disciplinas de História e Cultura Indígena no ensino de História e Campos, conceitos e linguagens da História do Programa de Pós-Graduação em História da FURG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9346646414450899> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2726-9598>.

* Acadêmico do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Possui ensino médio - segundo grau pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (2004). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1882039459858606> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3528-8572>.